

A Formação de Professores Pós-Pandemia: Um Convite para Repensar a Escola Brasileira

Ivane Almeida DUVOISIN

Comunidade de Pesquisadores On-line Independentes-Me Orienta Academy
Itajaí, SC 88306-430, Brasil

Alexandra Cristina Moreira CAETANO

Professora Pesquisadora On-Line Independente-Circuito e-learning- NDNP
Brasília, DF 70256-170/Asa Sul, Brasil

RESUMO

O artigo é resultado de um estudo dos conteúdos discursivos das redes de conversação realizadas no grupo de estudos de Programação Neuro Linguística na Educação; grupo de estudante de pós-graduação da Me Orienta Academy; e grupo de professores cursistas de Circuito e-Learning, no Brasil. A problematização e análise dos conteúdos foram realizadas pelo método cartográfico, pois, ao entrar em campo, não há um objetivo único pré-determinado, entra-se com os sentidos abertos e a escuta atenta para mapear as singularidades e não o que é padrão ou esperado. Nesse sentido, ao mapear o território encontramos modos singulares do sentir e vivenciar dos diversos atores que atuam e mediam nas escolas durante o isolamento social obrigatório devido a Pandemia da Covid 19. Para poder repensar a formação de professores é preciso compreender para podermos recriar e reelaborar caminhos decidindo, no coletivo, para onde vamos.

Palavras chave: singularidades docente-discente; formação de professores; tecnologias na escola; modelos híbridos; designers múltiplos

INTRODUÇÃO

Estamos na era digital, imersos em tecnologias que estão promovendo mudanças na forma de nos relacionarmos e comunicarmos e, conseqüentemente, na maneira como aprendemos. Vivemos num paradoxo: de um lado a formação de professores baseada em uma lógica de conhecimento e em estruturas que foram construídas em uma era industrial e não digital e por outro, a necessidade de mudanças.

Os professores vinham sendo confrontados com enormes desafios que foram ampliados com os efeitos da pandemia do COVID 19. Muitas dúvidas e poucas certezas: Como garantir que estamos capacitando nossos estudantes para um futuro cada vez mais complexo, incerto, volátil e ambíguo? O que devemos continuar mantendo e o que precisamos mudar em nossos métodos de ensino e instituições? [1]

No Brasil, já vínhamos debatendo essas questões, mas a pandemia nos obrigou a tomada de decisões imediatas. Professores, pais e estudantes, pegos de surpresa, precisaram se despir dos preconceitos em relação a Educação a Distância e pensar em alternativas para a educação das nossas crianças e jovens. O impacto do distanciamento social obrigatório devido à pandemia foi muito maior em países emergentes com

problemas sociais e econômicos já existentes e que neste momento se acirram.

O Brasil é um país continental com vasta diversidade cultural e com imensa desigualdade econômica e social. Os problemas econômicos e políticos que têm se arrastado por décadas agravaram-se ainda mais com a crise provocada pela Pandemia do Covid 19.

Para as escolas públicas que já vinham sendo sucateadas pela má gestão dos serviços públicos e pela má condução por parte da classe política, as dificuldades se agravaram. Não foi mais possível varrer para debaixo do tapete os sérios problemas que nossas escolas vivenciam: desde a precária estrutura, a falta de professores e funcionários qualificados para o exercício da função, os precários salários dos professores e até os problemas econômicos e sociais dos alunos que buscam na escola, talvez a única maneira para não morrer de fome.

A escola pública revelou o seu lado mais precário, a falta de coordenação para o enfrentamento dos efeitos do distanciamento social. Essa falta de compromisso por parte do poder público fez com que cada escola tentasse à sua maneira resolver os problemas de forma isolada. Tal fato está gerando tensão, na medida em que o poder público tenta, tardiamente, tomar as rédeas da situação impondo regras massivas para o retorno às atividades, sem dialogar com os gestores e professores.

Escolas particulares e aquelas que, por terem uma estrutura e uma localização geográfica mais privilegiada, conseguiram continuar ministrando aulas remotas. Outras situadas em localidades afastadas dos grandes centros e em regiões menos abastadas não conseguiram atingir a maioria dos alunos, por não terem condições de acesso adequadas. Como retomar as aulas nessas condições? Como adotar regras únicas para situações tão diversas? São questões em aberto e que precisam ser ressignificadas no coletivo de professores.

É necessário, primeiramente, compreendermos o que passou, digerirmos os problemas de cada um, sem julgamentos, mantendo o foco, na procura de soluções conjuntas. Nesse sentido, optamos por exercitar a escuta atenta ao que pais, professores e estudantes tinham para nos dizer.

Optamos pelo método cartográfico para mapear cada um dos territórios habitados. A escolha é por ser um método que foge a normalização, uma investigação que procura mais pelas diferenças do que pela regularidade. O cartógrafo quando entra em campo, não há um objetivo único pré-determinado, ele entra com os sentidos abertos e a escuta atenta para mapear as

singularidades e não o que é padrão ou esperado. Não lida com hipóteses pré-determinadas, mas com o olhar e postura de pesquisador que se abre para o novo.

As autoras Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup nos convidam a uma viagem na experiência de encontros e produção de afetos, no coletivo de um grupo que sai a campo para compartilhar histórias e conhecer a comunidade local. A fim de desenhar uma rede de forças, a cartografia “não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo” [2], mas pelo contrário, essas histórias estão conectadas em um movimento permanente de idas e vindas, entradas e saídas, constituindo o rizoma que se estabelece pelas vivências nos territórios. Segundo as autoras, cartografar é acompanhar processos que elas denominam de *Pistas*.

O método cartográfico é aquele que nos permite habitar vários territórios no sentido de territórios subjetivos, afetivos, estéticos, políticos, existenciais, desejantes, morais, sociais, históricos, éticos entre outros, conforme nos remete a pensar [3]. Julgamos que o sentido do que ocorreu com os diversos atores que atuam e mediam a escola, nesses tempos de isolamento social devido a Pandemia, permeia muito desses territórios revelados, por isso nossa opção pelo método cartográfico.

Os territórios que habitamos são as redes de conversação ocorridas nos Grupo de Estudos de Programação Neuro Linguística na Educação (GE-PNLEDU); grupo de estudante de pós-graduação da Me Orienta Academy MOA (SOSPG); professores cursistas de Circuito e-Learning. O GE-PNLEDU é composto, em sua maioria, por professores e gestores da educação básica. O SOSPG composto por estudantes da pós-graduação, alguns dos quais exercem também, a função de professor na educação básica e, portanto, trazem suas opiniões tanto no que se refere ao seu papel de aluno da pós-graduação quanto de professor. Os professores cursistas do Circuito e-Learning atuam em sua maioria no ensino superior, em instituições públicas e privadas nas diversas regiões do país.

Segundo Duvoisin [4], nós seres humanos constituímos sistemas sociais humanos nos quais ocorrem coordenações de ações e emoções por meio da linguagem, ou seja, em redes de conversações. São essas singularidades emergentes das redes de conversação que cartografamos e originou o presente artigo. Pois, é preciso compreender para podermos recriar e repensar para onde vamos.

O artigo está organizado em quatro (4) sessões que caracterizam as pistas do movimento cartográfico. A primeira pista denominada *Sistemas da Informação e Tecnologias: a integração das tecnologias ao dia-a-dia do professor* dá ao leitor uma visão geral sobre os problemas da educação brasileira, os impactos do isolamento social na vida de professores e estudantes e a maneira como as tecnologias foram integradas ao ensino, nesse período da Pandemia. A segunda pista denominamos *dificuldades dos professores, pais e estudantes, durante a pandemia* foi o momento de mapear as diversas dificuldades e as formas como professores, pais e estudantes estão lidando com a complexidade do ensinar e aprender com o isolamento. A terceira pista denominada *os futuros prováveis: modelos híbridos e designers múltiplos e onde* sugere-se a combinação de diferentes desenhos de cursos e oferta de disciplinas, a partir da incorporação das tecnologias

digitais e metodologias que estimulam o protagonismo e a autonomia. A última pista intitulada *o impacto na formação de professores* trata-se de uma reflexão e algumas sugestões para que possamos repensar a escola.

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E TECNOLOGIAS: A INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS AO DIA A DIA DO PROFESSOR

“Fomos pegos de surpresa!”. Essa fala, talvez não exatamente dessa forma, foi a mais escutada no 1º semestre de 2020. Não apenas no Brasil, o mundo todo foi pego de surpresa e podemos dizer que o sistema educacional não estava preparado para o que foi necessário a partir de então.

No Brasil, apesar dos enormes esforços dos pesquisadores e das políticas públicas para minimizar a exclusão digital, a integração das tecnologias no fazer pedagógico dos professores vinha sendo realizada de maneira lenta e às custas de muitas resistências. Algumas dessas, oriundas do medo dos professores de serem substituídos pelas tecnologias, o que se justifica num país em que as políticas caminham no sentido de minimizar os gastos com a educação, principalmente no que tange à contratação de pessoal qualificado. Há ainda que se considerar a falta de preparo e insegurança dos professores (em sua maioria, imigrantes digitais) para o uso das tecnologias e o receio de serem confrontados com o maior conhecimento dos estudantes nativos digitais.

Apesar das resistências, alguns professores e instituições se adiantaram, e tentaram minimizar a crise com soluções localizadas, dentro do que lhes foi possível, para outros, o isolamento social e a pressão por soluções emergentes para poder atender os alunos gerou muita ansiedade e estresse. Os professores e alunos tiveram que encontrar um jeito de se comunicarem para não perderem o ano letivo. Pode-se dizer que a integração das tecnologias ao dia a dia do professor foi um parto feito às pressas e com *forceps*?

Mesmo com todas as pesquisas existentes na área, nenhuma delas consegue explicar o fenômeno que ocorreu e ainda está ocorrendo. Os professores, alunos e pais tentaram resolver os problemas de maneira isolada e desarticulada, uma vez que as instituições permaneceram em choque e muitas não apontavam soluções.

Segundo [1], as instituições escolares são reflexo do período em que foram criadas, elas são organizadas num modelo adequado a era industrial e não a era do conhecimento na qual estamos vivendo. Em uma era digital, não cabe mais um modelo centrado somente em aulas expositivas. Embora esse estilo ainda persista, a tendência é que desapareça à medida em que os professores e estudantes se apropriem de recursos tecnológicos e de metodologias interativas.

Professores mais jovens e mais familiarizados com as tecnologias começaram a produzir vídeos de conteúdos e repassar para seus alunos. Os sistemas de webconferência foram largamente requisitados e repentinamente as redes sociais se inundaram de *Lives*; alunos e professores se viraram, conforme podiam. Como afirma [5], *temos muito material de pesquisa para tentar compreender esse fenômeno e isso levará muitos anos*.

Apesar do esforço dos professores, muitos foram os estudantes que não conseguiram acompanhar e evadiram da escola. Num país continental com imensa desigualdade social, como o nosso, há que se considerar que muitas famílias não possuem equipamentos para que as crianças possam ter acesso às aulas. Também a precariedade da rede de internet, em muitos locais, impossibilitou que os professores chegassem até os estudantes. Mesmo aqueles que num esforço sobre-humano tentaram se aproximar dos alunos por meio do *WhatsApp* ou de outro canal de comunicação via celular.

Algumas escolas da rede privada de ensino, que têm mais recursos, conseguiram se organizar de maneira mais rápida do que as escolas públicas que carecem de recursos materiais, financeiros e humanos para enfrentar o distanciamento social e poder atender aos estudantes de maneira remota.

A pandemia com todos os seus efeitos negativos serviu para escancarar os vários problemas e dilemas que as escolas vinham denunciando e cujas vozes ressoavam, mas pareciam não serem ouvidas. Os problemas estão longe de serem resolvidos, parece que nos acostumamos a empurrar com a barriga os problemas ao invés de enfrentá-los.

A solução foi, pelo menos nas escolas públicas brasileiras, reiniciar as aulas juntando dois anos em um e realizando avaliação no final do próximo ano. Seria mesmo essa a melhor decisão? Talvez possa ser, desde que revisemos os modelos de avaliação aos quais estamos acostumados. O que enfrentaremos neste retorno? Alunos e professores que vivenciaram o ensino remoto irão desejar o mesmo modelo de escola que tínhamos antes da pandemia? Como os professores, pais e estudantes avaliam o que aconteceu e o que desejam para a continuidade da escola? Como vamos lidar com esses desafios? Como a escola está enfrentando a realidade de incluir em seu cotidiano alunos com realidades tão diversas? Como fala [6] *é preciso inventar a inclusão*.

Modelos macros implantados de forma padronizada para todas as escolas, já mostraram a sua ineficácia. Segundo [7] *a década passada e outras, viram a reforma educacional e o movimento de padrões despencarem*. Em 2007, esses autores já previam que a bolha dos padrões educacionais iria explodir e denunciavam os nefastos efeitos da padronização na reforma educacional, quais sejam:

crise de graduação iminente entre estudantes de educação vocacional e especial; destruição da criatividade; extinção de escolas inovadoras; aumento da lacuna no aprendizado entre escolas de elite e outras escolas; encorajamento de estratégias cínicas e calculadas para aumentar as pontuações nos testes; diminuição da confiança e competência dos professores; precipitação de taxas de estresse, demissões e não retenção; ampliou a resistências a mudanças. [7] (p. 17-19)

A pandemia acelerou o que especialistas já vinham chamando a atenção, que numa sociedade do conhecimento as escolas necessitam ter autonomia para tomar decisões e encontrar soluções criativas e adequadas ao seu contexto.

Não se tem respostas, muitas dúvidas e um longo caminho para reconstruir um novo modelo de escola, talvez uma reconstrução

a nível micro, cada escola / região buscando suas soluções. Para tanto, é necessário ouvir as histórias de vida e as experiências vivenciadas pelas famílias, estudantes, professores e gestores das escolas. Envolvidas com grupos de professores e com estudantes de pós-graduação resgatamos diálogos dos vários territórios aos quais habitamos para, numa escuta atenta, tentar compreender o momento vivido pelos diversos habitantes do espaço escolar para quiçá construirmos juntos um novo caminho. Para compreendermos as necessidades e aspirações dos pais, dos estudantes e dos professores precisamos escutá-los e a partir das suas vozes, teorizar.

DIFICULDADES DOS PROFESSORES, PAIS E ESTUDANTES, DURANTE A PANDEMIA

As dificuldades e as superações dos professores se evidenciam em seus diálogos a respeito de como estão solucionando as problemáticas do distanciamento dos alunos, das aulas remotas e dos recursos tecnológicos de que foi preciso se apropriar. Há aqueles que consideraram desafiador e assumiram o desafio de aprender a fazer-fazendo, e outros até mesmo desistiram e abandonaram a profissão.

Infelizmente muitos não tinham a prática, anteriormente a Pandemia, de utilizar recursos em atuação na educação. Vejo como um grande avanço o processo na educação de se ver obrigada a aprender e utilizar dos recursos nas aulas remotas (Prof. Betina).

Para aqueles professores mais jovens, o enfrentamento dos desafios foi menos doloroso, haja vista sua maior familiaridade com as tecnologias digitais, porém, para outros o processo foi mais doloroso e levou-os a repensar se valia a pena continuar na profissão.

Não está sendo nada fácil, eu me considero privilegiada pelo fato de ter minha mãe que é professora alfabetizadora aposentada e que assumiu o cuidado e orientação aos meus três filhos. Não fosse ela, eu não sei se teria continuado. Uma colega não aguentou e desistiu, ela não teve condições de continuar. Precisou escolher entre a profissão e o cuidado da família (Prof. Fátima).

Se uma professora de classe média alta que possui estrutura econômica e financeira privilegiada não conseguiu manter-se na profissão, podemos imaginar os professores das escolas públicas, que além de não terem uma estrutura escolar adequada não tiveram uma liderança coordenada para o enfrentamento do problema.

Se os adultos estão sofrendo e tentando se manter, podemos imaginar como estão as crianças e os jovens que foram apartados do convívio social com seus colegas e professores.

Um outro fator considerado limitante foi quanto a má qualidade da banda de internet em muitas regiões, o que limitou a interação dos professores e alunos. Professores também apontam como fator negativo a carga horária excessiva tanto para o preparo das aulas quanto para o atendimento aos alunos que demandam, a qualquer tempo e hora, socorro às suas dúvidas.

É uma maneira de aproximar o estudante do professor, no entanto, não substitui a interação "ideal" entre os sujeitos. As aulas, muitas vezes, são interrompidas pela inviabilidade do sinal de internet, em outras, o próprio recurso/software utilizado possui limitações que comprometem o andamento das aulas (prof. Aline).

A professora Aline vê nos recursos tecnológicos e na Educação On-line uma forma de aproximação com os estudantes, mas, como outros, não considera que devemos substituir as aulas presenciais, como também a fala a seguir:

Acredito que facilita a dinâmica das aulas, mas não deve ser usado como substituto integral das aulas presenciais. O tempo de exposição às aulas usando esses recursos cansa muito mais que as aulas presenciais (prof. Célia).

Professora Célia revela que as aulas on-line têm sido uma transposição didática do que acontece nas aulas presenciais. Quando a professora admite que o “tempo de exposição cansa...” está posto que o que a maioria dos professores conseguiu fazer durante a pandemia foi substituir o quadro e giz por um *powerpoint* ou aulas expositivas, cujos conteúdos foram “entregues” aos estudantes. Nesse momento me coloco no lugar dos alunos, que foram obrigados a assistir aulas gravadas com duração mínima de 45 minutos cada. Imagino alunos que têm de sete a doze disciplinas para estudar. É humanamente impossível ficar todo este tempo sentado e concentrado assistindo videoaulas.

Nesse sentido, uma estudante do Curso de Letras de uma universidade federal no extremo sul do Brasil, faz o seguinte desabafo em relação às aulas on-line:

Há muita demanda de todos os lados: Os professores enviam vários textos e tarefas que precisamos fazer e entregar e com isso a sobrecarga de trabalho é imensa. Professores esquecem que a disciplina dele não é única, que temos muitas outras tarefas de outras disciplinas. A maioria das tarefas solicitadas são de múltipla escolha. Não há estímulo ao debate, à colaboração. Eu sinto falta das conversas, debates com os colegas (estudante Anni).

[1] afirma que a forma como as nossas instituições estão estruturadas afeta a maneira como ensinamos, ele critica o modelo predominantemente industrial que ainda permanece principalmente nas instituições escolares. Um modelo adotado desde o século XIII baseado em aulas expositivas, embora esse seja um modelo que vem sendo questionado desde que foi criada a imprensa.

É surpreendente que mesmo após a invenção da máquina de impressão, do rádio, televisão e internet, as aulas expositivas caracterizadas pelo professor confiável falando para um grupo de alunos, ainda permanece como a metodologia dominante (...), mesmo na era digital, em que a informação está disponível em um clique. [1, p. 124]

Não somente os alunos consideram as aulas expositivas que têm sido adotadas como solução para a continuidade da aprendizagem, ineficientes. A fala do professor Régis é reveladora quanto ao cansaço e falta de atenção dos alunos às aulas expositivas de longa duração.

O cansaço aumentou muito, assim como a ansiedade. Isso de estar o tempo inteiro conectado é muito cansativo. As grandes dificuldades foram conseguir conexão estável com as plataformas para iniciar as aulas. Ter a participação dos alunos com câmeras abertas. Envolver os alunos nas aulas virtuais por mais de 30 minutos (prof. Régis).

Desde a década de sessenta há pesquisas sobre a eficácia das aulas expositivas. [8] concluiu que as aulas expositivas não deveriam durar mais do que 30 minutos, além disso, as pesquisas mostraram que para um conteúdo ser armazenado na memória de longa duração é preciso envolver o aluno com atividades.

Ao perguntarmos à estudante de graduação Anni, se ela está gostando das aulas remotas, ela responde:

Não, eu não gosto porque a maioria dos colegas não interagem. Os professores dão aulas usando um recurso de meeting e é muito chato ficar escutando o professor, eu não precisaria da aula do professor para estudar aquele conteúdo. Alguns professores enviam os artigos em .pdf para lermos e as aulas deveriam ser para elucidar as dúvidas, mas isso não está acontecendo, os alunos ficam calados e os professores expõem o conteúdo que está no texto. Além disso, as presenças nas aulas remotas não podem ser computadas - porque nem todos os alunos conseguem acesso, muitos não se fazem presentes e os que se conectam permanecem em atitude passiva. As aulas são muito chatas (estudante Anni).

Professores, cada vez mais terão que pensar outras formas de aprendizagem, atividades de aprendizagem que desenvolvam o pensamento crítico como debates e competências de trabalhos compartilhados. Para tanto, os professores terão que se apropriar de tecnologias que suportem a interatividade.

Se por um lado muitos se desestruturaram e desistiram, houve os que conseguiram diante do caos se reinventar e enxergar o algo positivo. O relato de uma professora que trabalho com jovens é um exemplo disso:

Esta foi mais uma questão considerada positiva - a aproximação dos jovens que passaram a se sentir úteis e valorizados pelos mais velhos - que solicitaram ajuda de filhos, sobrinhos, jovens que estavam em casa devido ao isolamento social (Prof. Marina).

Apesar de tantos desencontros e dificuldades, nem tudo foi ruim, o isolamento social e a necessidade de se reinventar aproximou os jovens de adultos que solicitaram ajuda. Outro fator positivo tem sido o aumento da autonomia dos estudantes, como nos revela, Anni

Uma das vantagens que eu vejo é que os alunos estão aprendendo a ter maior autonomia nos estudos, de certa forma precisamos aprender a buscar o conhecimento por nossos próprios meios. Alunos que eram muito passivos estão começando a se mexer. Quanto aos professores, eu vejo que eles estão fazendo um esforço muito grande para buscar alternativas para ajudar os alunos. Desacomodação de ambos os lados (estudante Anni).

Ainda não temos um levantamento preciso dos efeitos desse tsunami que afetou a todos, por isso pesquisas são necessárias para compreendermos este momento histórico.

Os intelectuais devem aceitar-se como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar. De outro modo os cidadãos estarão indefesos perante os únicos que sabem falar a sua linguagem e entender suas inquietações. Em muitos países, esses são os pastores evangélicos conservadores ou os imãs do islamismo radical [...] [9].

Se desejamos uma sociedade melhor para vivermos, precisamos enquanto professores-pesquisadores nos unir aos professores que estão ativos na escola, para com eles construirmos alternativas que nos ajudem a superar nossos traumas e avançar rumo a novas maneiras de ensinar e aprender.

OS FUTUROS PROVÁVEIS: MODELOS HÍBRIDOS E DESIGNERS MÚLTIPLOS

Se o ensino on-line, até o início de 2020, ainda era uma realidade distante na maior parte das instituições de ensino, em especial para a educação básica - ensino fundamental e médio, a pandemia mostrou que é possível trabalhar, desde que de forma colaborativa, considerando todos os atores envolvidos. No ensino superior, observamos um avanço significativo na adoção de estratégias on-line e integração dessas aos processos de ensino.

Segundo Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (orgs., 2015), na educação híbrida “não existe uma forma única de aprender e na qual a aprendizagem é um processo contínuo, que ocorre de diferentes formas, em diferentes espaços”. Os autores lembram que o híbrido difere do *blended learning*, que já vinha sendo aplicado no ensino superior, mesclando-se o presencial e o on-line. Pensado assim, o híbrido é o que promove a busca por soluções que venham da combinação de metodologias, bem como de formas de ensinar e de aprender.

O caminho é longo e faltam equipamentos, estratégias e soluções viáveis se pensarmos no cenário nacional em que vivenciamos realidades díspares. Contudo são estes cenários tão diversos que abriram a oportunidade para várias configurações na forma de ensinar e aprender. O ensino híbrido nos traz a possibilidade de pensarmos a personalização como parte de uma proposta que mesmo que ainda tenha muito conteúdo, possa também focar em desenvolvimento de competências e habilidades.

A combinação de diferentes desenhos de cursos e oferta de disciplinas, a partir da incorporação das tecnologias digitais e

metodologias que estimulam o protagonismo e a autonomia, ganharam destaque. Essa é a base da personalização do ensino trazida por [10] em que o ritmo, o tempo, o lugar e o modo como se aprende com o suporte das tecnologias digitais permitem o preenchimento de lacunas deixadas pelo ensino tradicional.

Considerando que o problema que gerou os cenários vigentes, ainda está longe de ter uma solução definitiva, o que podemos fazer é considerar algumas hipóteses mais prováveis. Para tanto, a adoção dos modelos híbridos de ensino é o caminho mais óbvio. Entretanto, para entender o modelo híbrido a partir de um cenário em que o ensino presencial praticamente deixou de ser adotado repentinamente, é preciso considerar que as aulas remotas têm sido espelho das aulas presenciais.

E mesmo que essa tenha sido a realidade de um momento emergencial, não é a realidade do modelo em si. Os modelos híbridos possibilitam o desenvolvimento de propostas de ensino personalizado. Entendendo que uma abordagem de ensino personalizada “implica que os estudantes possam ter uma experiência de aprendizagem individual quando necessitam, mas possam participar de projetos e atividades de grupo quando isso for melhor para a sua aprendizagem” [11]. O ensino personalizado está diretamente relacionado com as metodologias *just in time*, seja com foco no ensino ou com foco na aprendizagem, essas metodologias favorecem as experiências e conhecimentos adquiridos pelos estudantes durante sua trajetória de formação.

Por outro lado, a pandemia evidenciou os ritmos diferentes, os estilos de aprendizagem diversos, os modos de fazer e de estudar distintos dos estudantes. O impacto é que ficou evidente que quando privilegiamos a aprendizagem baseada em tempo muitas lacunas são geradas e muito do que deveria ser aprendido se perde no processo. Para Horn & Staker (2015), é neste ponto que a aprendizagem por competências vem a favorecer a aquisição de conhecimentos e habilidades conforme o perfil de cada estudante. Assim, “os alunos devem demonstrar domínio de um determinado assunto – incluindo a posse, a aplicação ou a criação de conhecimento, de uma habilidade ou de uma disposição – antes de passar para o próximo” [11]. A abordagem personalizada combinada com a aprendizagem baseada em competências favorece a individualização das aprendizagens que são centradas no estudante.

O modelo híbrido se aproxima do desenho dos futuros possíveis (*futures thinking*) adotados mediante a análise de diferentes cenários para a apresentação de múltiplas soluções para um mesmo problema. Na última década, o Institute for The Future (ITF) na Califórnia/EUA vem desenvolvendo várias pesquisas em torno do como se fazer o desenho desses futuros. Transportando para o âmbito educacional, percebemos que a personalização das soluções de ensino passa por essa análise.

Tudo isso inserido num cenário digital, em que observamos um rápido desenvolvimento de tecnologias educacionais que acabam demandando mais de professores e estudantes. Os professores “precisam de um modelo sólido para avaliar o valor das diferentes tecnologias, novas ou existentes, e para decidir como ou quando faz sentido para eles e seus alunos as utilizarem” [1]. Bates (2016) alerta que um modelo de ensino eficaz em uma era digital, demanda desenvolvimento de

aprendizagens híbridas e on-line, mídias sociais e ensino aberto, entre outros possíveis.

Entretanto [12] lembra que não é a tecnologia que garantirá a qualidade das possibilidades educativa, mas a combinação entre o domínio das tecnologias da comunicação e da informação (TICs), o domínio das tecnologias educacionais (TE) e o domínio do conteúdo que está sendo ensinado por meio destas tecnologias são o ponto de partida para o alcance dessa qualidade. Os ambientes virtuais de aprendizagem oferecem uma grande diversidade de ferramentas e recursos que permitem ao professor elaborar aulas criativas e materiais instrucionais que auxiliem o estudante em seu processo de aprendizagem. E esses ambientes virtuais são hoje parte integrante do espaço da sala de aula.

Não existe uma solução única, porém se essas soluções tivessem sido levantadas a partir dos diferentes cenários existentes, na realidade brasileira, anteriormente ao ocorrido durante a pandemia, talvez a situação pudesse ter sido minimizada. No Brasil, os modelos híbridos ainda estavam muito centrados na combinação entre presencial e on-line, e não no pensar metodológico em que se combinam cenários existentes com aquelas soluções prováveis em função dos recursos e tecnologias disponíveis em cada cenário para a solução do problema existente.

“Fomos pegos de surpresa” por não termos considerado esses futuros possíveis, ou seja, toda a diversidade que envolve a oferta educacional no nosso país, termos considerado antecipadamente os aspectos locais e regionais antes de considerarmos os globais. Essa diversidade local acaba por oportunizar o desenvolvimento e implementação de estratégias que considerem os recursos locais e especificidades regionais, antes de modelarmos soluções globais. Muitos de nossos autores, professores pesquisadores das novas tecnologias e dos processos de ensino e de aprendizagem, que englobam diferentes possíveis interações já escreveram sobre essas possibilidades. Marco Silva (2006) já falava da necessidade do professor construir “uma rede e não uma rota” [13], criando possibilidades de envolvimento, engendramentos e agenciamentos, estabelecendo pontes entre informação e conhecimento, cocriando com os alunos.

O problema é um só, porém se analisado em cada um dos contextos socioculturais, demanda soluções diferentes. Assim, professores, alunos e pais seriam confrontados com seus cenários e possam receber soluções adaptadas a serem testadas a partir das características presentes ou não em seu cenário dominante: qualidade de internet, disponibilidade de equipamentos e dispositivos, ambientes virtuais de aprendizagem, sistemas remotos de conferência, professores integrados às tecnologias digitais, são apenas algumas delas.

Não funciona pensarmos que um modelo único vá atender a todas as situações. Sendo assim, ao pensarmos nestes cenários futuros e possibilidades que abarquem singularidades, devemos entender que é fundamental trazer funcionalidade e aplicabilidade para o que se ensina, existe a necessidade de se entender o porquê, para se escolher o ‘como’. As aprendizagens experienciais, desenhadas por John Dewey (1938) e por David Kolb (1984), são reflexo são uma resposta para essa demanda, favorecendo formações práticas que que evidenciem o fazer e que relacionam os estágios da experimentação para se chegar as múltiplas soluções para um

problema. Segundo o modelo de Kolb, citado por [1, p.141]: experimentação ativa, experimentação concreta, observação reflexiva, conceituação abstrata. Além de pensarmos metodologias e processos, combinados aos recursos e tecnologias, devemos desenhar a experiência que esperamos que este estudante tenha ao longo do seu processo de estudo. E esse caminho certamente envolve a aprendizagem experiencial que envolve contextos reais, tais como, “laboratórios, oficinas e ateliês; formação prática; aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em casos; aprendizagem baseada em projetos; aprendizagem baseada na pesquisa e questionamentos; aprendizagem cooperativa” [1], entre outros.

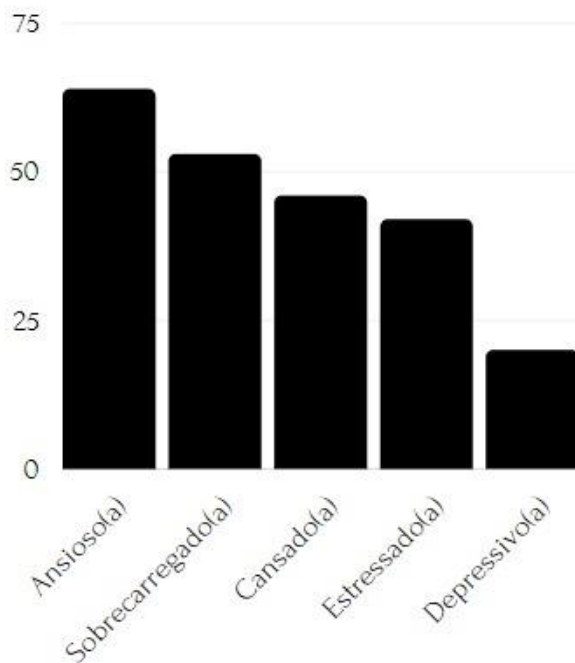
Somos, então, levados a repensar o processo de formação docente considerando os professores como maestros dos processos de ensino e aprendizagem, e que estejam a frente da construção das soluções híbridas que atendam a seus cenários locais. É imprescindível pensar a preparação desses profissionais para o uso das TICs, especialmente quando estas tecnologias estão aplicadas ao ensino/aprendizagem de conteúdos específicos [12]. Atualização de conteúdos, entendimento das metodologias e melhores práticas, combinado aos recursos e tecnologias disponíveis.

A medida de sucesso em educação pode demorar uma década ou mais para evidenciar resultados que sejam significativos, afinal não são os sistemas de avaliação que garantem que os processos escolhidos deram certo, mas sim o desenvolvimento e desempenhos desses estudantes frente à vida. O desempenho dos alunos pode ser um indicativo de que as escolhas do professor estão no caminho, porém somente quando este conhecimento é aplicado, podemos verificar se a aprendizagem aconteceu.

O IMPACTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Após mapear as dificuldades e a maneira como os professores, pais e alunos estão lidando com o ensino-aprendizagem durante o distanciamento social, podemos dizer que a pandemia serviu para escancarar as fragilidades do nosso sistema de educação pública e descobriremos professores resilientes e criativos que estão procurando se reinventar com o que têm em mãos. Mesmo sendo forçados a modificarem suas ações e formas de ensinar, quase que da noite para o dia, mostraram-se em muitos momentos que conseguem fazer as adaptações necessárias.

Algumas universidades públicas se sensibilizaram pela situação em que se encontram os professores e resolveram unir esforços para auxiliá-los, propiciando fóruns e debates em torno das questões relacionadas ao ensino-aprendizagem, metodologias ativas e uso de tecnologias que possam ajudar aos professores e estudantes nesse momento de distanciamento e tensão, outras não conseguiram se mobilizar devido a pouca interação existente entre as escolas, à resistências internas contra a educação on-line e até mesmo o estado emocional dos professores, conforme podemos verificar na figura abaixo. Foi preciso lidar com as situações na medida em que se desenvolviam e demandavam soluções.



Estado Emocional dos professores brasileiros Jul/2020

Fonte: <https://www.futura.org.br/educacao-brasileira-na-pandemia-em-2020-e-os-desafios-de-2021/>

Cabe salientar que o estado emocional dos educadores brasileiros já estava afetado, mesmo antes da pandemia, fator que se agravou com a realidade do trabalho *home-office*. Os problemas já existiam a pandemia apenas serviu para escancará-los. Entre junho e julho de 2018, NOVA ESCOLA realizou uma pesquisa on-line com foco na saúde do educador. Essa pesquisa foi respondida por 5 mil educadores [14].

A análise dos resultados [14] indicou que 68% dos educadores eram afetados por ansiedade, sendo que 28% afirmaram ter sofrido depressão até o período da pesquisa. Além disso, 63% dos educadores relataram estresse e dor de cabeça, enquanto 39% relataram insônia. Se compararmos os dados da pesquisa realizada em 2020, pelo Instituto Península, denominada “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios de coronavírus” que inserimos no gráfico acima, veremos que ansiedade (64%), estresse (42%) e depressão (20%), estavam presentes em proporções quase equivalentes.

O fato de os professores terem de realizar as atividades profissionais dentro de casa perturbou o espaço que se constituía em único refúgio de alívio emocional junto aos familiares; sem essa “válvula de escape” agravou-se o problema.

O diálogo nas redes de conversação tem mostrado o quanto a universidade precisa se “desencastelar” e se aproximar do “chão da escola”, ouvir o que os professores têm a dizer, conhecer mais de perto a realidade das nossas escolas públicas para juntamente com seus atores construir uma escola que seja mais adequada ao nosso tempo e realidade.

Lamentamos que tenha sido a pandemia o motivador para quebrar as resistências e preconceitos em relação a educação on-line. Aquelas universidades que conseguiram vencer os preconceitos e aproveitaram para qualificar seus professores e

estruturar o ensino a distância são as que neste momento estão mais bem preparadas para a formação continuada dos professores da educação básica.

Existem alguns métodos de ensino híbrido já validados, como mostramos, e que podem servir de alternativa para repensarmos e recriarmos novas formas de ensinar e propiciar o aprendizado dos nossos estudantes que, pelo visto, ainda terão que permanecer em isolamento, sabe-se lá, até quando?

Temos que cuidar do estado emocional dos professores que estão adoecendo devido às pressões e cobranças a que estão sendo submetidos, como se fossem os únicos responsáveis pelo desempenho dos estudantes. É papel das instâncias formadoras estenderem a mão aos professores da educação básica, acolhê-los e ouvi-los na busca de possíveis soluções.

Não há respostas imediatas, nesse momento de incertezas a única certeza é que precisamos de diálogo e compreensão mútua para conseguirmos nos reerguer das cinzas como a Fênix da mitologia Egípcia. Um caminho viável é assumirmos a meta de uma formação continuada e permanente com as escolas, para que possamos conjuntamente com professores e gestores reconstruir, de forma mais alinhada com os desafios do nosso tempo, cada escola respeitando a sua singularidade.

Houve uma profusão de pesquisas que focaram em identificar o impacto da Pandemia nas escolas brasileiras. Independente do tamanho da amostra os resultados são muito similares.

REFERENCIAS

- [1] BATES, Antony Willian. **Educar na Era Digital: design, ensino e aprendizagem**. Tradução de Teaching in a Digital Age: guidelines for designing teaching and learning, por João Mattar. 1ª edição. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.
- [2] DE BARROS, Laura Pozzana e KASTRUP, Virgínia. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015.
- [3] DA COSTA, Luciano Bedin. **Cartografia uma outra forma de pesquisar**. In Revista Digital do LAV - Santa Maria vol. 7, n.2, p. 66-77 mai./ago.2014
- [4] DUVOISIN, Ivane. **Virtualizações e atualizações em redes de conversação sobre o currículo de um curso on-line de licenciatura em Ciências**. 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.
- [5] MATTAR, João. **Teorias da Aprendizagem da Educação a Distância**. In Canal Tecnologias Educacionais. Transmitido ao vivo em 01 de outubro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=66hQ0ronOtw&t=1820s>. acessado em 26/10/2020.
- [6] EIZIRIK, Cláudio L. et all. **Psicoterapia de Orientação analítica Fundamentos Teóricos e Clínicos**. Port Alegre: ArtMed, 2005.

[7] HARGREAVES, Andy e FINK, Dean: **Liderança sustentável: desenvolvendo gestores da aprendizagem**; trad. Adriano Moraes Migliavacca. Porto Alegre: Artmed, 2007.

[8] BLIGH, Donald. **What's the Use of Lectures?** São Francisco: Jossey-Bass, 2000.

[9] SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel Pedagogia do Vírus**. 1ª ed. São Paulo: Bomtempo, 2020.

[10] BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido - Personalização e tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2ª reimpressão 2017.

[11] HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Blended: Usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Tradução: Maria Cristina Goulart Monteiro; revisão técnica: Adolfo Tanzi Neto, Lilian Bacich. Porto Alegre: penso, 2015.

[12] CAETANO, Alexandra C. M. **Processos interativos em arte/educação**. IV Simpósio Nacional ABCiber - Dias 01, 02 e 03 de Novembro de 2010 - ECO/UFRJ. Disponível em https://www.academia.edu/17288177/Processos_Interativos_e_m_Arte_Educa%C3%A7%C3%A3o_ABCiber_2010_

[13] SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 4ª ed. 2006.

[14] NOVA ESCOLA. Pesquisa - **A situação dos professores no Brasil durante a pandemia**. Disponível em: <https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/junho/ne-pesquisa-professor-final-1.pdf>